

Marcelo Baêta



1971

O ANO DO

GALO



© Marcelo Baêta

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico <i>Alex Yamaki</i>
Diretora comercial <i>Patty Pachas</i>	Diagramação <i>Leonardo Ortiz Matos</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Preparação <i>Beatriz de Freitas Moreira</i>
Assistentes editoriais <i>Vanessa Sayuri Sawada</i> <i>Juliana Paula de Souza</i> <i>Ana Luiza Candido</i>	Revisão <i>Ivana Traversim</i> Revisão técnica <i>Gustavo Longhi de Carvalho</i> <i>Sérgio Miranda Paz</i>
Assistentes de arte <i>Alex Yamaki</i> <i>Daniel Argento</i>	Impressão <i>Yangraf</i>

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Baêta, Marcelo
1971: O ano do Galo/ Marcelo Baêta. – São Paulo: Panda Books, 2012. 184 pp.

ISBN: 978-85-7888-252-5

1. Clube Atlético Mineiro – História. 2. Campeonato Brasileiro de Clubes – História. 3. Campeonato Brasileiro (Futebol). 4. Futebol – Torneios. I. Título.

12-7080

CDD: 796.334098151
CDU: 796.334(815.1)

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Aos meus pais, Adriano e Lourdinha, à minha irmã Adriana,
ao meu padrinho Cor Jesus, à Tita (em memória).*

Sumário

Introdução	9
Breve história do Campeonato Brasileiro.....	13
Parte I – A temporada de 1971.....	15
Campeonato Mineiro de 1971	17
Seleção Brasileira	18
Pré-temporada em Poços de Caldas.....	18
Amistoso com o Corinthians	20
Fase de classificação	21
Ordenado, luvas e o bicho progressivo	22
Jogo 1 – Atlético-MG 1 X 1 América-MG	23
Spencer ganha passe livre e reforça o Galo no Nacional	25
Jogo 2 – Grêmio 1 X 1 Atlético-MG	27
Primeira “virada de mesa”	29
Jogo 3 – Flamengo 0 X 1 Atlético-MG	30
Jogo 4 – Atlético-MG 4 X 0 Bahia	32
Jogo 5 – Sport 1 X 1 Atlético-MG	33
Jogo 6 – Atlético-MG 2 X 0 São Paulo	35
Jogo 7 – Atlético-MG 2 X 1 Santos	36
“O escândalo das rendas”	39
Jogo 8 – América-RJ 2 X 0 Atlético-MG	40
Segunda “virada de mesa”	41
Jogo 9 – Atlético-MG 2 X 2 Botafogo	42
Comportamento.....	44
Final do turno da fase de classificação	46
Rio de Janeiro	47
Jogo 10 – Ceará 0 X 2 Atlético-MG	49
Jogo 11 – Corinthians 0 X 0 Atlético-MG.....	51
Jogo 12 – Atlético-MG 2 X 2 Santa Cruz.....	52

Jogo 13 – Coritiba 1 X 0 Atlético-MG	53
Última “virada de mesa”	55
Jogo 14 – Atlético-MG 1 X 1 Cruzeiro	55
Jogo 15 – Fluminense 2 X 0 Atlético-MG	56
A contusão de Gérson	58
Paulo César sai do Botafogo e do Nacional	59
O supervisor Amauri Ferrara	60
Concentração	61
Jogo 16 – Atlético-MG 5 X 1 Portuguesa	62
Jogo 17 – Atlético-MG 3 X 1 Internacional	63
Brito agride o juiz José Aldo Pereira	65
Amistosos durante o Campeonato Nacional	66
Jogo 18 – Vasco 0 X 0 Atlético-MG	67
Indisciplina em Sabará	68
Bebida	69
Jogo 19 – Atlético-MG 0 X 0 Palmeiras	70
Líder do Grupo B	71
Atrasos de pagamento	72
O julgamento de Spencer pelo STJD	74
Jogo 20 – Atlético-MG 2 X 1 Vasco	77
Bichos individuais e outras premiações	78
Primeira e segunda rodadas das semifinais	79
Jogo 21 – Santos 2 X 1 Atlético-MG	81
Jogo 22 – Internacional 1 X 4 Atlético-MG	83
Terceira rodada das semifinais	85
Jogo 23 – Atlético-MG 2 X 0 Santos	85
Futebol solidário	88
Grupo	89
Novos <i>versus</i> veteranos	90
Preparo físico	91
Jogo 24 – Vasco 1 X 1 Atlético-MG	93

A contratação de Mazurkiewicz.....	95
Jogo 25 – Atlético-MG 0 X 1 Internacional.....	96
Finais.....	97
Jogo 26 – Atlético-MG 1 X 0 São Paulo.....	98
São Paulo e Botafogo.....	102
Clube Ipê.....	103
A invasão atleticana no Maracanã.....	105
Do jogo na fazenda para a decisão do Nacional.....	105
Jogo 27 – Botafogo 0 X 1 Atlético-MG.....	108
A campanha do “Campeão da Técnica e da Disciplina”.....	111
Premiação pelo título.....	112
Comemoração.....	113
A promessa de Telê.....	117
Os casamentos dos campeões.....	119
Parte II – Os campeões.....	121
Renato.....	123
Humberto Monteiro.....	126
Zé Maria.....	128
Grapete.....	129
Vantuir.....	129
Normandes.....	131
Oldair.....	133
Cincunegui.....	136
Wanderley.....	137
Humberto Ramos.....	139
Ângelo.....	140
Bibi.....	141
Ronaldo.....	142
Ismael.....	143
Dario.....	143

Lôla	150
Salvador	152
Pedrilho	152
Beto.....	153
Spencer	154
Romeu.....	158
Tião	159
Guará.....	160
Lacy	160
Os reservas que não entraram em campo	161
Telê Santana	161
Roberto Bastos	169
Léo Coutinho	170
Gregório.....	170
Waltinho.....	170
Otacílio	170
Haroldo Lopes.....	171
Abdo Arges.....	171
Roberto Carlos.....	172
Fernando Alves.....	174
Lúcia Helena.....	174
José Cabral.....	176
Virgílio Batista.....	176
Nery Campos	177
Fábio Fonseca	179
Nélson Campos.....	180
Agradecimentos	182
Referências bibliográficas	183

Introdução

Um breve retrospecto da participação do Atlético Mineiro no Campeonato Brasileiro (CB) mostra que o alvinegro foi historicamente um dos grandes protagonistas da competição. O Atlético figurou entre os quatro primeiros colocados em 14 das 32 edições da era das finais do CB (1971-2002). Ou seja, integrou o seletivo grupo dos quatro melhores times do campeonato em mais de 40% das edições da era das finais. Foi campeão uma vez, na primeira edição do CB, em 1971¹, três vezes vice-campeão, em 1977, 1980 e 1999, e participou de nove semifinais, em 1976, 1983, 1985, 1986, 1987, 1991, 1994, 1996 e 2001. Em 1997, terminou em quarto lugar na soma total dos pontos.

A partir da década de 2000, o rendimento do Atlético caiu drasticamente no CB. Participou de uma semifinal e seu melhor resultado na era dos pontos corridos, disputada a partir de 2003, foi o sétimo lugar. Em 2005, o alvinegro passou pelo momento mais crítico de sua história, com a queda para a Série B do CB.

Eu me formei em jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no segundo semestre de 2006. Naquela ocasião, o Atlético pavimentava seu caminho de volta à Série A. A queda para a Série B, em 2005, e a volta à Série A, em 2006, foram importantes momentos de reflexão. Cheguei à conclusão de que a história do Atlético precisava ser passada a limpo para que o alvinegro retomasse seu caminho de glórias. Pouco tempo depois de formado, escrevi o argumento de um videodocumentário sobre o Atlético de Reinaldo e Cerezo. Diante das dificuldades em conseguir os recursos humanos e os materiais necessários para realizá-lo, deixei esse projeto em modo de espera.

1 Em dezembro de 2010, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a reconhecer como campeões brasileiros os clubes que venceram a disputa pela Taça Brasil, de 1959 a 1968, e pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa (conhecido também como Robertão ou Taça de Prata), entre 1967 e 1970. A CBF unificou os títulos da Taça Brasil, do Robertão e do Campeonato Brasileiro, mas não unificou os três campeonatos.

Três anos depois, em meados de 2009, resolvi voltar um pouco mais na história do alvinegro e escrever um livro-reportagem sobre a conquista do título de campeão brasileiro pelo Atlético em 1971. Optei por realizar a pesquisa em um veículo de comunicação local, o jornal *Diário da Tarde*, e em um nacional, a revista *Placar*. Percorri toda a cobertura diária sobre futebol do *Diário da Tarde* de 25 de junho a 21 de dezembro de 1971. Com relação a alguns episódios, também foi consultada a cobertura que receberam do jornal *Estado de Minas*. A *Placar* tinha periodicidade semanal. Pesquisei, entre outras, todas as edições dos meses de agosto a dezembro de 1971 da revista. Foram consultadas ainda outras publicações impressas, como livros e revistas, assim como sites, entre os quais Wikipédia, Bola na Área, Futpédia, YouTube, RSSSF Brasil, Canto do Galo, Galo Digital e Que Fim Levou.

Posteriormente, foram realizadas as entrevistas com todos os remanescentes do Atlético da campanha de 1971. Entre os jogadores, foram entrevistados Renato, Zé Maria, Grapete, Vantuir, Normandes, Oldair, Cincunegui, Wanderley, Humberto Ramos, Bibi, Ronaldo, Dario, Lôla, Spencer, Pedrilho, Beto, Salvador e Romeu. Da comissão técnica, o preparador físico Roberto Bastos e o auxiliar Léo Coutinho. Da diretoria, o diretor de futebol Nery Campos. Do departamento médico, o clínico geral – atualmente oncologista – Roberto Carlos Duarte. Dos funcionários, a relações-públicas Lúcia Helena e o caixa da tesouraria Antônio Evangelista.

Também foram entrevistados os jogadores Gérson, Sérgio e Paraná, do São Paulo; Nenê, do Santos; Pontes, do Internacional; Piazza e Tostão, do Cruzeiro; o advogado de Spencer, Flávio Dalva Simão; o policial rodoviário federal Vitorio Manzali Filho; o jornalista Luiz Carlos Alves; Júlio, o Mais Amigo; e Renê Santana, filho de Telê Santana.

Alguns personagens dessa história foram contatados, mas não quiseram se manifestar ou alegaram não se lembrar dos episódios sobre os quais foram questionados. São eles os jogadores Pelé, do Santos; e Jairzinho, do Botafogo; o árbitro Arnaldo César Coelho; o presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange; e o cantor e compositor Caetano Veloso.

O livro-reportagem foi escrito em tópicos, que foram agrupados em duas partes: a primeira conta a história da temporada de 1971 e a segunda reúne os perfis dos campeões brasileiros daquele ano – jogadores, integrantes da comissão técnica, departamento médico, funcionários e diretoria.

A história da temporada de 1971 é contada a partir do último jogo do Campeonato Mineiro, passando pelos 27 jogos do I Campeonato Nacional de Clubes e por todos os episódios relevantes que ocorreram ao longo do campeonato. Os tópicos referentes aos jogos do Nacional têm uma estrutura semelhante, que começa com o pré-jogo, passa pela apresentação dos adversários, a data da partida, o estádio em que foi realizada e o público pagante, pelo jogo em si, pela ficha técnica com as escalações e outras informações da partida, e termina com o pós-jogo.

Breve história do Campeonato Brasileiro

O primeiro torneio entre clubes cariocas e paulistas foi disputado em 1933 após a implantação do profissionalismo no futebol brasileiro. Em 1940 e 1942, foram realizados novos torneios reunindo times do Rio de Janeiro e de São Paulo, sem muito sucesso. Na década de 1950, o Rio-São Paulo ganhou força. Era disputado no sistema de pontos corridos em turno único. Em 1950 e 1951, teve oito participantes, quatro cariocas e quatro paulistas. Em 1952, o número de participantes aumentou para dez, cinco de cada estado, e manteve-se assim até sua última edição, em 1966.

“Em 1954 o torneio passou a chamar-se Roberto Gomes Pedrosa, em homenagem ao goleiro da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1934 e presidente da Federação Paulista de Futebol, que morreu, naquele ano, no exercício do cargo”, escreveu o jornalista Carlos Arêas². Em 1956, o Rio-São Paulo não foi realizado em consequência de uma excursão da Seleção Brasileira à Europa.

Em 1961 e 1962, o torneio foi dividido em duas fases. Em 1961, a fase final só teve jogos interestaduais e, em 1962, a fase de classificação teve apenas confrontos regionais. Ainda em 1962, o Santos desistiu de participar do Rio-São Paulo, preferindo excursionar pelo exterior.

Em 1963, o torneio voltou à fórmula dos pontos corridos. Em 1964, Santos e Botafogo terminaram empatados na liderança. Eles se enfrentaram apenas uma vez e não encontraram datas para realizar os jogos restantes do “melhor de três” que definiria o vencedor, com isso, ambos foram declarados campeões. Em 1965, o Rio-São Paulo foi disputado em dois turnos. A disputa pelo título seria feita entre os vencedores de cada turno, mas o Palmeiras ganhou os dois e sagrou-se campeão.

Em 1966, o torneio foi realizado em turno único e quatro times terminaram empatados na primeira posição: Vasco, Corinthians, Botafogo e Santos. Por causa dos preparativos da Seleção para a Copa da Inglaterra,

2 Revista *Grandes Clubes Brasileiros – Campeonato Nacional*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1971, p. 20.

não houve tempo para que fosse feito o desempate. Resolveu-se, de comum acordo, declarar os quatro clubes campeões do certame.

Em 1967, por pressão da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o torneio deixou de ser disputado apenas entre times do eixo Rio-São Paulo e ganhou abrangência nacional. Entraram na disputa dois clubes mineiros, dois gaúchos e um paranaense, em um total de 15 clubes. Os participantes foram divididos em dois grupos e os 15 times se enfrentaram em turno único. Os dois primeiros colocados de cada grupo se classificaram para um quadrangular final, em turno e retorno, do qual o Palmeiras foi campeão.

Em 1968, a CBD resolveu tomar para si a organização do torneio, que até então era realizado pelas federações carioca e paulista. Criou a Taça de Prata para premiar o campeão e incluiu mais dois clubes na competição: Bahia e Náutico. A partir desse ano, a disputa do quadrangular final foi realizada em turno único. Em 1968, o campeão foi o Santos. Em 1969, Palmeiras e Cruzeiro terminaram empatados no quadrangular final. O Palmeiras foi o campeão porque levou vantagem no saldo de gols. Em 1970, o campeão foi o Fluminense.

“Para este ano de 1971 a CBD resolveu afinal lançar o Campeonato Nacional de Clubes, extinguindo o torneio Roberto Gomes Pedrosa, o tradicional Robertão”, registrou Arêas. “Para começar, aumentou o número de concorrentes para vinte, incluindo mais um clube de Minas, o América, que por coincidência foi o campeão mineiro do ano, mais um de Pernambuco, que passou a ter dois representantes, e um do Ceará, que, assim, pela primeira vez participou da competição.”³

Outra importante competição nacional de clubes disputada no país entre 1959 e 1968 foi a Taça Brasil, criada pela CBD, em 1959, para indicar o representante brasileiro na Copa Libertadores, que teve sua primeira edição em 1960. Os campeões da Taça foram: em 1959, o Bahia; em 1960 e 1967, o Palmeiras; de 1961 a 1965, o Santos; em 1966, o Cruzeiro; e em 1968, o Botafogo.

3 Revista *Grandes Clubes Brasileiros – Campeonato Nacional*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1971, p. 25.

PARTE I

A temporada de 1971

Campeonato Mineiro de 1971

Atlético e Cruzeiro se enfrentaram no dia 27 de junho de 1971 pela última rodada do Campeonato Mineiro para um público de 67.738 pagantes. O Cruzeiro estava atrás do América-MG na classificação e precisava vencer o clássico para ganhar o título. O Atlético era dirigido por Telê Santana, que conduziu o time ao título de campeão mineiro em 1970. O alvinegro não tinha chance de conquistar o bicampeonato, mas a torcida exigia uma vitória para tirar o título dos cruzeirenses.

Aos sete minutos, Lacy entrou com o pé por cima em uma dividida com Fontana, que chutou forte por baixo. O impacto da prensada da bola afetou o joelho de Lacy, que foi substituído por Lôla. Aos 22 minutos, Ronaldo cruzou da direita, Raul espalmou e a sobra ficou para Tião, que marcou: 1 X 0. No segundo tempo, o Cruzeiro partiu para o ataque. Aos 17 minutos, Tostão mandou no ângulo, comemorou com murros no ar, mas estava impedido. O Galo reagiu até equilibrar a partida, trocou passes e prendeu a bola para segurar o resultado. O Atlético entrou em campo com Renato, Zé Maria, Normandes, Vantuir e Oldair. Wanderley e Humberto Ramos. Ronaldo, Dario, Lacy (Lôla) e Tião.

Torcida, jogadores, comissão técnica e diretoria do Galo comemoraram como se tivessem ganhado um título. O bicho pela vitória foi de mil cruzeiros. A diretoria do América-MG prometeu um terreno em Lagoa Santa, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, para cada jogador do Atlético em caso de vitória contra o Cruzeiro. “Tinha que correr atrás pra fazer o registro”, lembrou Dario. Segundo Wanderley, “a maioria não foi buscar, hoje todo mundo se arrepende (*risos*)”.

No mesmo dia, o Fluminense venceu o Botafogo por 1 X 0, gol de Lula, sagrando-se campeão carioca, e o São Paulo conquistou o bicampeonato paulista com a vitória por 1 X 0 sobre o Palmeiras, gol de Toninho. O início da disputa do I Campeonato Nacional de Clubes estava programado para agosto. A CBD ainda não havia anunciado o regulamento nem a tabela da competição.

Seleção Brasileira

No mês de julho, a Seleção Brasileira disputou uma série de amistosos no Brasil e dois jogos na Argentina contra a seleção local. Vaguinho, ponta-direita de 21 anos do Atlético, foi convocado pela primeira vez. Poucos dias depois da convocação, o Atlético anunciou a venda de Vaguinho para o Corinthians. O passe do jogador foi negociado por 700 mil cruzeiros. Foi a maior transação do futebol brasileiro às vésperas do Campeonato Nacional.

No dia 11 de julho, o Brasil empatou em 1 X 1 com a Áustria no Morumbi, gol de Pelé, que saiu no intervalo. Compareceram ao estádio cerca de 115 mil pessoas para o primeiro dos dois jogos da despedida de Pelé pela Seleção Brasileira. O Brasil jogou com Félix, Zé Maria, Brito, Piazza e Everaldo (Marco Antônio). Clodoaldo e Gérson. Zequinha, Tostão, Pelé (Paulo César) e Rivellino. Os tricampeões Carlos Alberto e Jairzinho estavam contundidos.

No dia 18 de julho, 138.575 pagantes assistiram à despedida de Pelé no Maracanã, Brasil 2 X 2 Iugoslávia. Gérson e Rivellino marcaram para a Seleção Brasileira. O Brasil jogou com Félix, Zé Maria (Eurico), Brito, Piazza e Everaldo (Marco Antônio). Clodoaldo e Gérson. Zequinha, Vaguinho, Pelé (Claudiomiro) e Rivellino. Assim como em São Paulo, Pelé saiu no intervalo. A torcida gritava: “Fica, fica, fica”⁴.

Pré-temporada em Poços de Caldas

No dia 15 de julho, a equipe do Atlético embarcou para uma pré-temporada de 12 dias em Poços de Caldas. A delegação também ficou hospedada na estância hidromineral de Pocinhos do Rio Verde, a 28 quilômetros de Poços. O objetivo era descansar os jogadores e prepará-los

4 *Placar*; São Paulo, nº 71, p. 2, 23/7/1971.

para o Nacional. Em uma região montanhosa e de clima frio, eles treinaram com muita disposição e o desgaste foi baixo.

Uma das preferências de Telê Santana era o treino de fundamentos: domínio e toque de bola, chute a gol, cobrança de falta, lateral, tiro de meta, sempre atento aos mínimos detalhes. O preparador físico Roberto Bastos fez caminhadas e corridas longas com os jogadores para topos de morros e cachoeiras, como a Cascata das Antas. No final do primeiro treino, como o ônibus do clube demorou a ir buscá-los, os jogadores não ficaram muito tempo no frio: resolveram ir correndo do campo de treinamento ao hotel.

A delegação atleticana foi muito bem acolhida pela população de Poços de Caldas, que ficava em uma região produtora de vinhos. Um vinho doce, suave e saboroso, que alguns jogadores tomavam para espantar o frio. As adegas tinham corredores de tonéis com direito a degustação gratuita. Até quem nunca foi de beber acabou provando. Foi o caso do ponta-esquerda Romeu, de 21 anos. Como não tinha costume de beber, ficou tonto e passou mal, mas foi logo acudido pelos companheiros.

O meio-campista Bibi, também com 21 anos, visitou algumas adegas de vinho com um grupo de jogadores. Provou algumas doses a mais e ficou zozzo. Quando voltou, encontrou Telê esperando por ele na porta do hotel. Por causa desse incidente, Bibi foi vetado do coletivo de titulares contra reservas que o Atlético fez, ironicamente, na “Festa do Vinho” de Andradas. O motivo oficial do corte foi que ele estaria gripado. O Atlético ainda disputou dois amistosos: 1 X 0 contra a Caldense, gol de Lôla, e 2 X 0 contra a seleção de Passos, dois gols de Lôla.

No dia 15 de julho, o repórter Túlio Berti, do *Diário da Tarde*, escreveu:

“Na realidade, o Atlético é o único time mineiro que está preocupado com o Campeonato Nacional. Está treinando intensamente, cuidando dos jogadores reservas, porque, num torneio onde só se apresentam os melhores do futebol brasileiro, aquele que tiver o melhor banco de reservas leva uma grande vantagem sobre os outros concorrentes, e o Atlético está seriamente empenhado em ter pelo menos vinte jogadores em perfeitas condições técnicas e físicas.

Amistoso com o Corinthians

Atlético e Corinthians disputaram um amistoso no dia 4 de agosto no Pacaembu. A renda de 78 mil cruzeiros foi destinada ao pagamento de uma parcela do passe de Vaguinho, que fez sua estreia pelo clube paulista nesse jogo.

No avião para São Paulo, os jogadores do Atlético gozavam Dario de todo jeito. Diziam que ele era um caneleiro danado, que só fazia gol em time pequeno. Dario se virou para Zé Maria, que estava sentado ao seu lado, e soltou uma de suas maiores pérolas: “Não tem problema, deixa que eu resolvo. Não me venha com problemática que eu tenho a solucionática!”

Aos nove minutos, Dario caiu pela esquerda, ganhou de Almeida na corrida e iniciou a jogada que resultou no chute de Wanderley de fora da área para abrir o placar: 1 X 0. Aos 16 minutos, Dario driblou Almeida duas vezes, entrou na área e foi derrubado por Luís Carlos. Oldair cobrou o pênalti e ampliou: 2 X 0. Aos 18 minutos do segundo tempo, Lôla fez um lançamento longo para Dario. Outra vez ele deu dois dribles em Almeida, que caiu sentado, passou por Ado e chutou no canto: 3 X 0. Dario foi lançado novamente pela esquerda, driblou Vagner e marcou mais um: 4 X 0. Vagner tinha entrado no lugar de Luís Carlos e Célio fez o gol de honra do Corinthians: 4 X 1.

O Atlético jogou com Renato, Zé Maria (Cincunegui), Normandes (Grapete), Vantuir e Oldair. Wanderley e Humberto Ramos. Ronaldo (Ismael), Dario (Tião), Lôla e Romeu. O bicho pela vitória foi de quatrocentos cruzeiros.

Era a volta do Dario Peito de Aço, no gingado diferente de seu corpo, nos dribles esquisitos que enganavam os adversários. Ele parecia perder a bola e, quando todos se assustavam, ela estava no gol. O Corinthians tinha em campo os tricampeões Rivellino e o goleiro Ado, assim como o zagueiro Luís Carlos e o ponta-direita Vaguinho, convocados para a Seleção no mês anterior. O elenco corintiano contava ainda com mais dois tricampeões: o lateral direito Zé Maria, que estava contundido, e o zagueiro Baldochi, recém-chegado do Palmeiras, que deu a sorte de não estreiar nesse jogo.